

CRISE DOS MERCADOS

PIB cresce no máximo 1% em 98, prevê IBGE

Para o instituto, no próximo ano os números tendem a ser piores, diante do ambiente recessivo

JÔ GALAZI

RIO - Os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre, anunciados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), deverão ser os últimos favoráveis que o órgão vai apresentar, por muito tempo. A trajetória do PIB, que em todo o período do Plano Real acumulou crescimento de 14,53%, agora é descendente, segundo o coordenador de Contas Nacionais do IBGE, Alberto Olinto. Na sua estimativa, em 98 o PIB vai crescer só entre 0,5% e 1% em relação a 97. Em 99, a economia brasileira vai encolher.

Conforme os dados divulgados ontem, no segundo trimestre, em relação aos três meses imediatamente anteriores, o PIB cresceu 1,44%. Isso representou uma recuperação ante a queda de 0,11% do primeiro trimestre, em relação aos últimos três meses de 97. No semestre, o PIB subiu 1,22%.

No confronto com o mesmo trimestre do ano precedente, o aumento do PIB foi de 1,53%. Todos esses dados apontavam para uma recuperação, após as medidas tomadas pelo governo para enfrentar a crise asiática, em 97.

O governo, no início do ano, contava com pelo menos 4% de acréscimo no PIB de 98, quase repetindo 97, quando a taxa foi de 3,68%. Nada disso, contudo, é possível. O mais grave é que a expectativa de crescimento de 1% só se confirmará se todos os ventos soprarem a favor, juntos e já. De acordo com Olinto, será preciso que as taxas de juros baixem logo, de forma bem perceptível, até o fim do ano, e o esforço internacional de apoio ao Brasil seja rápido.

Caso nada disso ocorra e o governo não se lance a um ajuste fiscal, o quadro econômico permanecerá indefinido e a tendência será de piora. Assim, não se poderá esperar mais do que 0,5% de expansão do PIB em 98.

Renda - Nos dois casos, há uma certeza prévia: a renda per capita dos brasileiros, de R\$ 5.403,03 (US\$ 5.037,13) no ano passado, vai cair já este ano, mesmo sem recessão declarada. Isso porque, para a renda ficar maior, o PIB (soma dos bens, mercadorias e serviços produzidos no País) tem de crescer mais que a população, lembrou Olinto. Como a população cresce cerca de 1,4% ao ano, quando a economia se expande abaixo disso, os brasileiros ficam, em média, mais pobres. Há cinco anos, a renda per capita vinha aumentando ininterruptamente, o que não ocorria desde os anos 70.

Olinto explicou que os efeitos danosos da crise atual serão mais intensos e mais visíveis no ano que vem. Ele lembrou que o fim do ano é sempre amortecido por eventos como o Dia da Criança e o Natal. De uma maneira ou de outra, essas datas conferem algum movimento à economia. A partir do início de 99, porém, sem esses fatores amortecedores, os efeitos da crise, tais como o impacto das taxas de juros, vão refletir-se fortemente sobre a economia. "Não há mais como atividade econômica deixar de cair", lamentou.

Como assinalou, quem vai dar o tom da atividade de agora até o fim do ano é a indústria de transformação, que, observe-se, caiu 0,64% no primeiro semestre, retraiu-se em 0,38% no segundo trimestre, ante igual período do ano

precedente, mas conseguiu um acréscimo de 6,96% em confronto com os primeiros três meses do ano. Para Olinto, as esperanças residem principalmente no segmento de bens de capital, que vem sustentando o parque fabril desde o ano passado.

Da indústria automobilística nada se pode esperar. Como frisou, ela vinha batendo recordes de produção, imaginando um cenário positivo para a demanda, que não se realizou e não se realizará. Com o crédito altamente restringido, não apenas esse parque fabril como a indústria de bens duráveis em geral pouca contribuição poderá dar.

No entender dele, a favor da economia brasileira há a privatização do Sistema Telebrás, que obrigatoriamente resultará em investimentos, com encomendas de equipamentos à indústria.

Ainda segundo

o IBGE, o PIB do

segundo trimestre de 98 situou-se praticamente no mesmo nível do terceiro trimestre de 97, que foi seguido por uma desaceleração no quarto trimestre de 97, por causa das medidas adotadas pelo governo para enfrentar a crise asiática. Durante o Plano Real, segundo o IBGE, o PIB cresceu 14,53%, graças à expansão da indústria, de 17,59% no período. Essa expansão refletiu principalmente o crescimento da indústria de transformação, de 13,41%. A agropecuária expandiu-se em 23,96% no real e o setor de serviços, 6,31%.

Ainda quanto ao segundo trimestre de 98, o aumento de 1,44% no PIB, ante o trimestre imediatamente anterior, deveu-se às variações positivas na indústria como um todo (7,05%), agropecuária (5,52%) e nos serviços (0,88%).

ESPERANÇA
ESTÁ NO SETOR
DE BENS DE
CAPITAL